ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL

Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras

Fonologia, gramática e história.

ATAS

TOMO I

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Nasalidade e soanticidade em línguas Jê: o Kaingang paulista e o Mẽbengokre

Wilmar da Rocha D'Angelis (Universidade Estadual de Campinas)

TEORIA FONOLÓGICA E LÍNGUAS INDÍGENAS

Há dez anos venho investigando certas recorrências em processos fonológicos de diferentes línguas Macro-Jê. Os principais resultados aparecem em minha tese (D'Angelis 1998)[1], mas algúmas conseqüências ainda podem e devem ser tiradas da abordagem que propus. O problema que, no estudo da fonologia do Kaingang, chamou especialmente minha atenção, diz respeito às relações possíveis (e as atestáveis) entre nasalidade, soanticidade e vozeamento (relações não exclusivas de línguas indígenas ou daquele tronco lingüístico em particular) e à dificuldade de tratar aqueles fatos nos quadros dos modelos fonológicos vigentes.

NASALIDADE FONOLÓGICA X NASALIDADE FONÉTICA

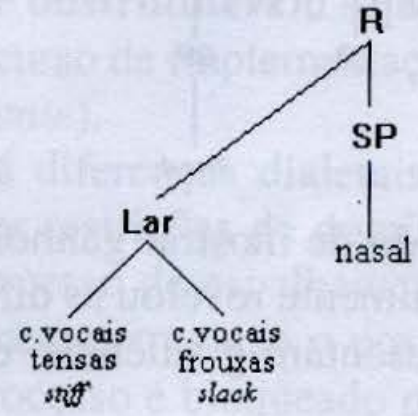
Adoto aqui a proposta de configuração de hierarquia (geometria) de traços que desenvolvi (D'Angelis 1998) a partir de uma tentativa inovadora de Piggott (1992) para o tratamento da nasalidade. Indo às últimas conseqüências da proposta de Piggott, sugeri que quando Nasal for um traço fonológico (privativo) em uma língua determinada, ele estará alocado sob um nó articulador *Soft Palate* (SP), quer em vogais, quer em consoantes (i.e., onde quer que a oposição *nasal x oral* seja fonológica). No entanto, a presença do traço fonético [nasal] não implica necessariamente a presença do traço fonológico correspondente. Em línguas nas quais é relevante uma correlação opositiva do tipo *soante x obstruinte*, uma série consonantal soante, com obstrução na cavidade oral, necessitará realizar a soanticidade pelo abaixamento do véu palatino. Nesse caso, a nasalidade é apenas recurso para implementação do traço *Spontaneous* (ou *Sonorant*) *Voicing* (SV), ou seja, uma condição de implementação fonética[2]. A aplicação dessa proposta mostra ganhos na interpretação de línguas que distinguem consoantes nasais surdas

[1] Uma panorâmica da tese encontra-se em D'Angelis 1999.

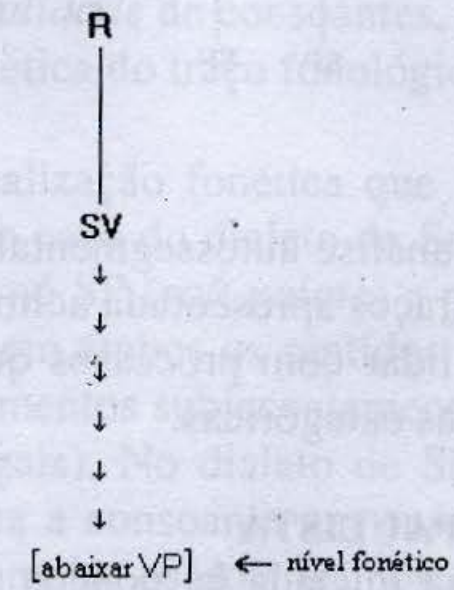
[2] Com a oclusão no trato oral, outros recursos são possíveis para garantir vozeamento, como por exemplo, a expansão e retraimento faríngeo. Nesses casos, porém, não se produz Vozeamento Espontâneo.

e sonoras (como o Islandês e o Krenak), e confirma as intuições de que efetivamente há diferenças, quer nos processos de vozeamento, quer no estatuto da nasalidade em diferentes sistemas fonológicos. A reconfiguração de uma geometria de traços adotada nesse trabalho é a seguinte[3]:

a. obstruintes nasais



b. soantes nasais



KAINGANG

Demonstrei que a proposta é bastante bem sucedida quando aplicada ao Kaingang para explicar, por um único mecanismo, alguns fatos que, naquela língua, já foram tratados como três e, até, como quatro processos distintos (cf. Kindell 1981, Cavalcanti 1987, Wetzels 1995[4]). Assumindo que em Kaingang há oposição *nasal-oral* nas vogais, mas oposição *soante-obstruinte* nas consoantes, sugeri que o processo significativo que opera na língua é o espalhamento do nó SP dos segmentos que o possuem aos segmentos adjacentes que não o portam subjacentemente[5]. A representação segmental, no Kaingang, pôde ser simplificada, de modo que todos os processos relevantes na língua ficam reduzidos a duas opções: (a) *fundir* traços SV adjacentes[6]; (b) *espalhar* o nó SP aos segmentos adjacentes que não o

---

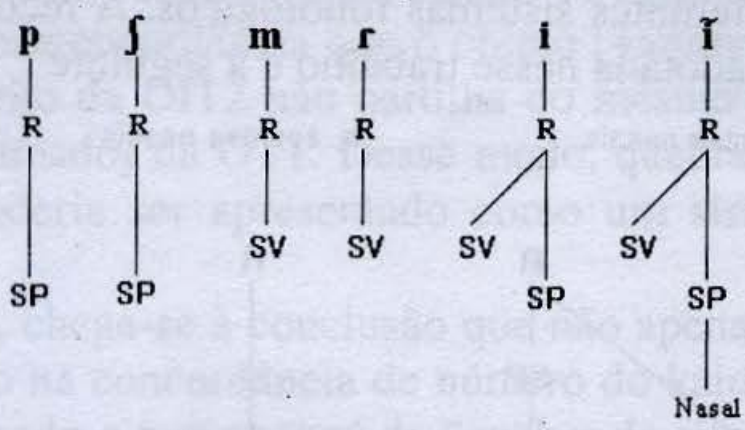
[3] A vinculação diretamente ao nó Raiz não está em discussão aqui. As pequenas flechas na vertical em (b) são um recurso para indicar que apontam para a implementação fonética do traço. Sob o nó Laríngeo em (a), por simplificação, represento apenas os traços que substituem o traço **[voz]**. SV e qualquer desses 2 traços representados sob o nó Laríngeo são mutuamente excludentes, porque caracterizam tipos distintos de vozeamento.

[4] Veja-se a crítica em D'Angelis 1998:41-56, 153-175.

[5] Outros mecanismos independentes contribuem para os resultados atestados empiricamente, mas são mecanismos que obedecem a princípios gerais do modelo, como *OCP* (Princípio do Contorno Obrigatório).

[6] Esse é um procedimento de ordem geral, decorrente de OCP.

possuem. A representação (para os traços participantes nos processos em questão), conforme D'Angelis (1998:245) é a seguinte:



Minha análise autossegmental, ao lado de mostrar ganhos com a configuração de traços apresentada acima, igualmente revelou as dificuldades do modelo para lidar com processos que apresentam gradiência, em lugar das opções binárias categóricas.

KAINGANG PAULISTA

Pesquisa iniciada há poucos anos com o dialeto Kaingang falado no oeste do Estado de São Paulo nos tem permitido estabelecer o seguinte quadro fonológico tentativo[7]:

		[–soante]				[+soante]			
[–silab]	[–cont]	p	t	tʃ	k	m	n	ɲ	ŋ
	[+cont]	ɸ			h	w	ɾ	j	
[+silab]	[–nas]	i	e	ɛ	ɨ	ə	a	u	o	ɔ
	[+nas]	ĩ	ɛ̃	ə̃	ã	ũ	ɔ̃		

À diferença de outros dialetos Kaingang, e particularmente do dialeto descrito por D'Angelis (1998) para o oeste catarinense, aqui as consoantes superficialmente nasais não apresentam fases oralizadas na contiguidade com vogal oral (tanto em onset como em coda). Assim, podem-se distinguir realizações nos dois dialetos, como:

Português	Kaingang Sta Catarina	Kaingang São Paulo
1. "marido"	[ˈm͡bɛd͡n]	[ˈmɛt]
2. "marido dela"	[fiᵇˈm͡bɛd͡n] ~ [fiˈm͡bɛd͡n]	[βiˈmɛt]
3. "pescoço dele"	[tiᵈˈn͡dug͡ŋ] ~ [tiˈn͡dug͡ŋ]	[tiˈnuk]
4. "pé dele"	[tiˈpɛ̃n]	[tiˈpɛ̃n]

[7] O quadro consonantal é extraído de D'Angelis, W.R. e M.A. Reis Silva. 1999. *Estrutura silábica e nasalidade vocálica no Kaingang do Oeste Paulista*. Comunicação ao XLVII Seminário do GEL (Grupo de Est. Lingüísticos do Estado de S.Paulo). Bauru., maio 1999.

A segunda diferença observável nos exemplos 1 a 3, acima, é a qualidade da consoante na coda silábica, em sílaba com vogal oral. Em comparação, em casos como 4, em que a sílaba é composta com vogal nasal, as palavras realizam-se de forma idêntica nos dois dialetos. A análise proposta é que, como no Kaingang do oeste catarinense, o Kaingang do oeste paulista distingue **vogais orais** de **vogais nasais**, e opõe uma série consonantal **soante** a uma série **obstruinte**. Ou seja, a *nasalidade* de consoantes, em ambos os dialetos, é recurso de implementação fonética do traço fonológico *soante* (ou SV = *Voz Soante*).

Mas há diferenças dialetais na realização fonética que precisam ser explicadas por restrições de domínio. No caso do dialeto de Santa Catarina sugeri um processo de espalhamento do nó SP (*soft palate*) a partir das vogais aos segmentos que não o possuam, em ambos os sentidos (direita e esquerda). O processo é bloqueado por segmentos subjacentemente especificados para SP (no caso, obstruintes e vogais). No dialeto de São Paulo, no entanto, observa-se que a vogal não afeta a consoante em onset (ou, muito raramente o faz). Comparem-se, por exemplo, os dois termos a seguir, nos dois dialetos referidos:

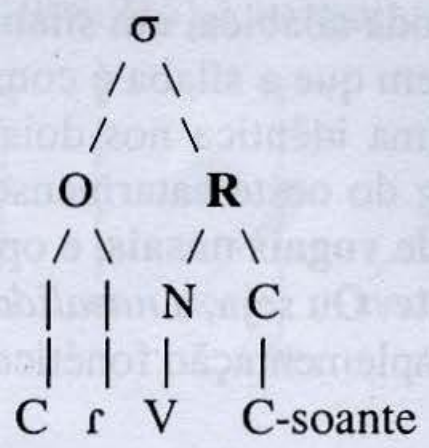
	Português	Kaingang Sta Catarina	Kaingang São Paulo
5.	"jabuticaba"	[ˈmɔ̃]	[ˈmɔ̃]
6.	"espiga"	[ˈm͡bɔ]	[ˈmɔ]

Por outro lado, é possível demonstrar que a vogal núcleo afeta a qualidade das consoantes em coda, no que se refere à *nasalidade*, com base nos exemplos a seguir:

	Português	Kaingang Sta Catarina	Kaingang São Paulo
7.	"milho"	[ˈɲɛ̃ɾ̃] ~ [ˈŋɔ̃ɾ̃]	[ˈɲɛ̃ɾ̃ɛ̃][8]
8.	"macaco"	[kaˈj̃ɛ̃ɾ̃]	[kaˈj̃ɛ̃ɾ̃ɛ̃]
9.	"água"	[ˈŋgoj]	[ˈŋojo] ~ [ˈŋgojo]
10.	"pilão"	[ˈkɾɛj]	[ˈkɾɛjɛ]

Sugiro, em primeiro lugar, que no Kaingang de São Paulo ocorre o mesmo processo de espalhamento do nó SP a partir das vogais. No entanto, nesse dialeto tal processo está restrito ao domínio da rima silábica (abaixo, destacada em negrito na representação da sílaba máxima possível no dialeto em discussão):

[8] No Kaingang de São Paulo (como no do SO do Paraná) observa-se um processo de cópia de vogal à direita da consoante soante não nasal.



Haveria uma outra diferença, em *timing* no 'faseamento' de gestos referentes a segmentos subseqüentes, de um para outro dialeto do Kaingang[9], o que provoca diferentes resultados na margem direita das sílabas em um e outro dialeto, ainda que para um mesmo processo fonológico (como se observa na comparação dos dados 1 a 3). No caso do dialeto catarinense, como vimos, a consoante soante (com obstrução no trato), estando em coda silábica, recebe espalhamento do nó articulador SP a partir da vogal oral, e ganha com isso um contorno desnasalizado. No entanto, analisa-se lá que o partilhamento de SV entre vogal e consoante impede o desvozeamento da fase desnasalizada, ao mesmo tempo em que a implementação de SV no 'restante' da consoante, garante que se realize como pré-oralizada (bm, dn, ɟɲ, gŋ). No dialeto de São Paulo sugere-se que o vozeamento da vogal não alcança sobrepor-se à consoante seguinte. Impedida de nasalizar pelo espalhamento de SP da vogal oral (implicando a instrução de 'levantar véu palatino') a consoante em coda não pode implementar *vozeamento espontâneo* e superficializa completamente surda (e, portanto, como obstruinte)[10].

Também nesse caso a proposta de reconfiguração da estrutura representacional dos segmentos permite uma melhor compreensão e interpretação dos fatos observados na fonologia da língua.

---

[9] Essa talvez seja, aliás, a razão fonética da restrição de domínio ao espalhamento de SP referido acima.

[10] A análise de tais consoantes em coda como subjacentemente obstruintes (marcadas para SP, e não para SV) é mais custosa por dois motivos: (i) havendo também codas soantes e codas soantes nasais, o leque de classes de segmentos permitidos em coda aumenta (de fato, excluiria apenas obstruintes contínuas); (ii) ficaria mais difícil explicar os casos em que um mesmo falante produz uma variante pré-oralizada — como [bm] ou [dn] — no lugar onde ocorre a coda em questão (ou seja, alterna entre [dn] e [t], por exemplo).

MEBENGOKRE (KAYAPÓ)

Outro caso interessante é o da língua Mẽbengokre, sobretudo porque apresenta uma particularidade no conjunto das línguas Jê: o fato de possuir, aparentemente, uma série oclusiva sonora, que costuma ser postulada como um desenvolvimento relativamente recente (que, dessa forma, distanciou-a da fonologia das demais línguas da família). Comparem-se (página seguinte), os inventários das consoantes fonológicas do Mẽbengokre com as do Apinayé e do Kaingang[11] e com o quadro proposto por Davis (1966) para o Proto-Jê.

Exatamente nas séries principais, observa-se uma assimetria evidente, registrando-se uma expansão de séries no Mẽbengokre. No entanto, a assimetria dos quadros deve ser recolocada (em relação às interpretações correntes), conforme a sugestão que parece mais explicativa: o Mẽbengokre desenvolveu uma nova série consonantal, efetivamente, mas não pela criação de uma série oclusiva vozeada, senão que pela criação de uma série obstruinte nasal. Note-se que as aparentes "oclusivas" vozeadas, que aparecem no inventário, podem alternar com realizações pré-nasalizadas, confirmando ainda seu caráter de soantes com obstrução no trato oral. A série das nasais que se cria, sendo obstruinte, apresenta o traço Nasal dependente do nó SP, o que torna as nasais opacas a qualquer espalhamento de SP a partir das vogais (que é o mecanismo da produção de pré e pós-oralizadas em línguas Jê).

Apinayé

labial	alveol.	palat	velar
p	t	t^j	k
m	n	ɲ	ŋ
			glot.
v	ɾ	z	ʔ

Mẽbengokre

labial	alveol.	palat	velar
p	t	t^j	k
m	n	ɲ	ŋ
^{m}b	^{n}d	^{ɲ}dʒ	^{ŋ}g
v	ɾ	z	ʔ

[11] Apinayé (TO) com base em Ham (1961, apud Salanova 1998). A glotal aparece em posição um pouco inesperada no Apinajé por falta de espaço, mas também (seg. Salanova) por ter comportamento claramente distinto das oclusivas (quase o mesmo se pode dizer do Kaingang). Mẽbengokre (MT) com base em Stout & Thomson (1974). Kaingang (SC) seg. D'Angelis (1998).

Kaiŋgang

labial	alveol.	palat	velar
p	t		k
m	n	ɲ	ŋ
			glot.
w	ɾ	j	ʔ
f		ʃ	h

Proto-Jê

labial	alveol.	palat	velar
p	t	tʲ	k
m	n	ɲ	ŋ
v	ɾ	z	

A ampliação do sistema fonológico do Mẽbengokre acrescenta, ao sistema consonantal, a correlação opositiva **nasal** x **oral**. O componente fonético nasal presente nas duas séries (na antiga série soante e na nova série nasal) enfraquece o poder opositivo da série soante original, cuja produtividade fica, assim, muito reduzida no sistema, ainda que 'se aferre', para sobreviver, a termos antigos e centrais na língua, como pronomes de 1ª e de 2ª pessoa, respectivamente [ba] ~[mba] e [ga] ~ [ŋga]. Para não confundirem-se as duas, diminuíram ao extremo, na série soante original, sua fase nasal (quando a realizam), e sugere-se que a língua tenda a reorientar-se para um vozeamento laríngeo, passando finalmente a uma série oclusiva sonora (originada, então, da reorientação de uma série originalmente soante).

Sugere-se que — como no Kaingang paulista — no Mẽbengokre não haja processo fonológico que relacione uma vogal ao onset de sua sílaba. Desse modo, vogais orais não afetam as consoantes nasais, da mesma forma que vogais nasais não têm o poder de nasalizar superficialmente as consoantes soantes descontínuas. Isso permite a ocorrência de séries como:

/ ba /	='1ª ps.sing.'	/ ma /	= 'fígado'	/ pa /	= 'braço'
/ bĩ /	= 'matar'	/ mĩ /	= 'jacaré'	/ pĩ /	= 'árvore'

Quanto às codas, em Mẽbengokre, dois grupos de elementos podem comparecer nela:

1. Soantes (todas: b, d, dʒ , g, ɾ, j, w)
2. Obstruintes, neutralizadas quanto à *nasalidade*.

O ponto 2 refere-se à neutralização da oposição estabelecida entre as obstruintes **orais** (p, t, tʃ, k) e as obstruintes **nasais** (m, n, ɲ, ŋ), de modo que a série não-marcada (oral) é que comparece em contextos de sílaba com vogal oral seguida de silêncio[12], como em:

[12] Conforme Trubetzkoy (1969), processos de neutralização são particularmente úteis para o esclarecimento do conteúdo de uma oposição fonológica.

[ˈtɛp] = 'peixe'	[ˈɾɔp] = 'cachorro'	[ˈket] = 'não'
[ˈmɨt] = 'sol'	[ˈmɛt͡ʃ] = 'bom'	[ˈtët͡ʃ] = 'duro'
[ˈtɔk] = 'acordar'	[kam'ɾek] = 'vermelho'	

Mas, como se indica no ponto 1, também as **soantes** podem comparecer na coda silábica, em palavras como[13]:

[ˈob͡m]	= 'pó'	[ˈtab͡m]	= 'cru'
[ˈtɔd͡n]	= 'tatu'	[ˈmjed͡n]	= 'marido'
[oˈndʒäd͡ɲ]	= 'generoso'	[ˈmɛd͡ɲ]	= 'mel'
[ˈmũm]	= 'ali'	[ˈkũm]	= 'fumaça'
[ˈpɾĩn]	= 'piqui'	[ˈĩn]	= 'fezes'
[ˈkĩɲ]	= 'gostar'	[biˈkẽɲ]	= 'preguiçoso'
[ˈkɾuwᵊ] [14]	= 'flecha'	[ˈuɾᵘ]	= 'pus'
[aˈkijᵊ]	= 'gritar'	[aˈbɛjᵋ]	= 'procurar'

Como se vê, no nível da rima alguma interação há entre os segmentos portadores de SV (*voz soante*), ou seja, entre a vogal e a coda, se esta é soante. Tem-se aí o mesmo processo encontrado em dialetos diferentes do Kaingang: espalhamento do nó SP da vogal para o elemento em coda que não o possua. O processo não afeta as obstruintes, que são especificadas para SP[15]. Assim, se a vogal da sílaba é nasal, seu nó SP carrega a especificação nasal, e a coda soante nasaliza; caso a vogal seja oral, seu nó SP provoca uma fase não nasal na soante (com obstrução no trato oral). Interpretamos, portanto, toda consoante que se superficializa como nasal, em coda seguida de silêncio, como uma consoante subjacentemente *soante*.

Resumindo: a sugestão de Piggott (1992) reformulada em D'Angelis (1998), provendo melhor tratamento dos diferentes casos de nasalidade nas línguas, permite sugerir uma interpretação da diferença construída na língua Mẽbengokre, de modo a conformar uma série consonantal subjacentemente

---

[13] Exemplos de Stout & Thomson 1974:162-173, à exceção dos termos 'cru' e 'tatu', de registro em fita pela antropóloga Vanessa R. Lea (IFCH-Unicamp), que gentilmente nos cedeu para consulta.

[14] Como no Kaingang paulista, ocorre um processo independente que promove o surgimento de uma vogal eco (cópia) à direita da consoante aproximante em coda: esse recurso evidencia a 'soltura' da aproximante e seu caráter vozeado distintivo.

[15] Ainda que as obstruintes em coda sejam as não-marcadas para Nasal, são necessariamente especificadas subjacentemente para SP.

especificada para o traço Nasal (sob SP) e uma série consonantal especificada subjacentemente para o traço SV mas que, por apresentar obstrução no trato oral, com freqüência nasaliza ao buscar promover o vozeamento espontâneo que a opõe, como série, às obstruintes. O resultado nos permite propor que uma consoante que se manifesta superficialmente como nasal plena em onset (digamos, [m]) pertence ao conjunto das nasais obstruintes da língua, enquanto uma nasal plena (foneticamente) em coda ([m], por ex.), deve ser atribuída ao grupo das soantes com obstrução no trato oral.

Para concluir, exemplifico a reinterpretação fonológica de algumas das transcrições fonéticas acima:

/ tɛP /	= [ˈtɛp]	= 'peixe'	/ ɾɔP /	= [ˈɾɔp]	= 'cachorro'
/ mɨT /	= [ˈmɨt]	= 'sol'	/ mɛC /	= [ˈmɛt͡ʃ]	= 'bom'
/ ob /	= [ˈob͡m]	= 'pó'	/ tɔd /	= [ˈtɔd͡n]	= 'tatu'
/ med /	= [ˈmjed͡n]	= 'marido'	/ mɛɟ /	= [ˈmɛd͡ɲ]	= 'mel'
/ mũb /	= [ˈmũm]	= 'ali'	/ kũb /	= [ˈkũm]	= 'fumaça'
/ pɾĩd /	= [ˈpɾĩn]	= 'piqui'	/ ĩd /	= [ˈĩn]	= 'fezes'
/ kĩɟ /	= [ˈkĩɲ]	= 'gostar'	/ bikẽɟ /	= [biˈkẽɲ]	= 'preguiçoso'
/ uɾ /	= [ˈuɾᵘ]	= 'pus'	/ abɛj /	= [aˈbɛjᵋ]	= 'procurar'

Nos exemplos das duas primeiras linhas a forma fonológica apresenta alguns fonemas representados por letra maiúscula. Esclareça-se que, seguindo Trubetzkoy ([1939] 1969), admitimos que a neutralização provoca o surgimento de um arquifonema, que embora foneticamente possa realizar-se de forma igual a um dos fonemas neutralizados (mas nem sempre é o caso), não pode ser confundido com nenhum dos dois fonemas envolvidos no processo; trata-se de um outro fonema, propriamente, um arquifonema.

O quadro fonológico do Mẽbengokre poderia ser apresentado, então, na forma seguinte (onde não se inclui a glotal /ʔ/, cujo status fonológico está por demonstrar-se na língua):

		[–soante]				[+soante]			
[–silab]	[–cont]	p	t	tʃ	k	ᵐb	ⁿd	ᶮdʒ	ᵑg
		m	n	ɲ	ŋ				
	[+cont]					w	ɾ	j	
[+silab]	[–nas]	i e ɛ ɯ ɤ ʌ u o ɔ a							
	[+nas]	ĩ ẽ ɯ̃ ʌ̃ ũ õ ã							

CONCLUSÃO

A configuração de traços proposta, com um tratamento mais adequado à questão da nasalidade e suas relações com soanticidade, permite uma compreensão maior de fatos como a relevante diferença dialetal do Kaingang e o significativo distanciamento da fonologia do Mẽbengokre em relação à fonologia das demais línguas Jê. Mostra-se, portanto, útil para o avanço do conhecimento nesse campo, e justifica sua aplicação à interpretação dos sistemas fonológicos de outras línguas indígenas.

wilmar@iel.unicamp.br

BIBLIOGRAFIA

D'Angelis, Wilmar R. 1998. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica.* Campinas: IEL-UNICAMP. Tese de Doutorado. 2 volumes.

_____. 1999. Nasalidade, soanticidade e vozeamento nas línguas Macro-Jê & Geometrias de Traços. ***Sínteses***. Campinas: IEL-UNICAMP, n° 4:102-110.

Davis, Irvine. 1966. Comparative Jê Phonology. *Estudos Lingüísticos.* São Paulo, I, (2):10-24.

Piggott, G. L. 1992. Variability in feature dependency: the case of nasality. *Natural Language and Linguistic Theory*, 10:33-77.

Salanova, Andrés P. 1998. *A nasalidade em Kayapó e Apinayé: o limite do vozeamento soante*. Campinas: IEL-UNICAMP. Projeto de Pesquisa.

Stout, M. e R. Thomson. 1974. Fonêmica Txukuhamẽi (Kayapó). *Série Lingüística*. Brasília: SIL, n° 3:153-176.

Wetzels, Leo. 1995 (org.) *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, pp. 85-102.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org